

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

EDNA FELIX DOS SANTOS

ESCOLARIZAÇÃO ANTECIPADA

Rio de Janeiro

2014

EDNA FELIX DOS SANTOS

ESCOLARIZAÇÃO ANTECIPADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador:
Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro

2014

Sa596e Santos, Edna Felix dos

Escolarização Antecipada / Edna Felix dos Santos. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014.–
fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014.

Orientador: Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

1. Educação. 2. Educação infantil. 3. Criança. 4. Escolarização Antecipada. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

EDNA FELIX DOS SANTOS

ESCOLARIZAÇÃO ANTECIPADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

EXAMINADORES

Prof^a.Dra. Cristina Laclette Porto
Orientadora

Metodologia de Pesquisa II

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

EDNA FELIX DOS SANTOS

Dedico este trabalho aos meus filhos que tanto amo e que abdiqueei de colocá-los pra dormir em prol da realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por colocar em meu caminho pessoas que me ajudaram na realização dessa conquista.

“Um sonho que se sonha só, é só um sonho: Um sonho que se sonha junto, é realidade”. (FREIRE, p.34)

A minha MÃE ANUNCIADA, por me incentivar e dar todo suporte que precisei durante esses três anos e por me apoiar durante toda a minha vida.

Ao meu PAI SEVERINO, que nunca me disse um não e sempre esteve ao meu lado.

Ao meu Marido Rogerio, que me apoiou em todos os momentos e durante esses anos foi meu suporte, meu amor.

A meus filhos, Roger meu primogênito, dos seus cinco anos de vida, três foram sem a presença do colinho da mamãe na hora de dormir e sua compreensão desde sempre, recompensa meu esforço e dedicação pois foi por ele que iniciei nessa estrada.

Emanuele, minha caçula, nasceu no momento onde todas estavam preocupadas com o processo de construção monográfica enquanto eu mergulhava novamente no mundo incomparável da maternidade.

A eles, meus amores, agradeço pela honra de poder ser mãe.

Aos meus familiares e amigos que durante essa longa estrada dedicaram a mim ao menos um minuto de seu pensamento, me dando força nessa minha trajetória.

À Diretora Rosangela Almeida, que me proporcionou um profundo aprendizado e um aprimoramento da minha prática, com base nos meus aprendizados conquistados na minha estrada pedagógica.

Aos professores do ISEPS, que contribuíram na construção da profissional que me tornei, a todos o meu muito obrigada, em especial minha orientadora, Professora Cristina Laclette Porto por me dar todo o suporte necessário nessa última fase determinante para encerrar esse processo.

As minhas colegas de turma, que com o passar dos anos foi construído um vínculo, que se fortaleceu ainda mais no último semestre através das demonstrações de afeto e apoio para a conquista dessa vitória.

RESUMO

Essa monografia trata do tema Escolarização Antecipada, ou seja, da tendência de adultizar a criança cada vez mais cedo, processo que gera a desvalorização da infância. Para compor este estudo o levantamento de textos, livros e periódicos que abordam o mundo da criança foi fundamental. Além disso, foi necessário o aprofundamento teórico sobre as fases da infância e da escolarização. Pretende provocar reflexões sobre a importância da Educação infantil para o amplo desenvolvimento da criança e aborda de forma crítica a implantação do ensino fundamental de 9 anos, estabelecido pela Lei nº 11.274.

Palavras-Chave: Criança. Educação Infantil. Escolarização Antecipada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	12
2 AS CRIANÇAS E AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO	15
2.1 O ato de ensinar na creche	16
2.2 A importância do uso de instrumentos metodológicos na formação e na prática do professor	17
3 LEI INCLUI AS CRIANÇAS DE 6 ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Preocupados cada dia mais cedo com a idade que seus filhos estão sendo alfabetizados, visando uma entrada precoce no mercado de trabalho, alguns pais agem para a diminuição desse período tão importante na construção desse ser. A infância vem perdendo espaço para o predomínio de crianças adultificadas, com um futuro totalmente ligado às decisões tomadas hoje, por seus responsáveis.

Mesmo com a sua consolidação através dos estudos e debates ocorridos nos últimos anos, a educação infantil ainda é vista de certa forma, apenas como uma fase assistencialista e talvez por isso, ainda é entendida como o espaço escolar considerado melhor para a preparação de futuros profissionais.

Fiquei apreensiva com esta questão, quando tive que lidar, em minha prática, com a postura de pais que optaram por colocar seus filhos na escola, mesmo antes da idade indicada pelas normas municipais, para serem alfabetizados. Essa atitude me fez refletir sobre meu trabalho e desencadeou o ponto de partida e meu profundo interesse por este tema.

É desejo de todos os pais verem seus filhos com um futuro promissor e estável, mas, para se atingir este objetivo, tem se abdicado do que realmente é relevante na fase da infância.

É com a pretensão de mostrar que é possível garantir um espaço de Educação Infantil propício para levar a criança de até seis anos a suas descobertas, desenvolvendo suas áreas de conhecimento e aprendizados diversos que pretendo desenvolver minha pesquisa monográfica.

1 EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Bebês e crianças pequenas possuem suas especificidades. Devido a isso, precisam de muita atenção, pois é na Primeira Infância (0 a 6 anos) que elas começam a estabelecer suas conexões com o mundo.

De acordo com os estudos de Piaget (1920 - 1973) o desenvolvimento cognitivo segue um processo seqüencial, respeitando etapas que são caracterizadas por diferentes estruturas mentais. Em suas pesquisas, os estágios da inteligência sensório-motora (até 2 anos) e da inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos) são experiências fundamentais e estruturantes para as fases do desenvolvimento cognitivo posteriores. Em cada estágio do desenvolvimento, a criança possui uma forma em sua estrutura mental de compreender e resolver problemas.

Segundo o autor, é através do jogo simbólico das trocas sociais, que ocorrem nessa etapa, que a criança tem a oportunidade de desenvolver responsabilidades, fazer escolhas, tomar decisões e desenvolver suas capacidades e habilidades específicas.(1974)

Para Vygotsky, o desenvolvimento humano é uma tarefa conjunta e recíproca. No caso da criança em idade Pré - escolar, o adulto é o parceiro mais experiente que promove, organiza e provê situações para que as interações das crianças entre si e com o meio aconteçam, sendo, portanto, provedoras de desenvolvimento. Nessa dimensão, o espaço se constitui no cenário onde este processo acontece, nunca se revestindo de neutralidade.

A autora Castele (2014) aborda a importância da infância para o desenvolvimento da criança, dando destaque para a fase dos bebês, fundamentada nas teorias de diversos pensadores. Ela busca diferenciar o adultocentrismo e o espontaneísmo.

Por demonstrarem tanta fragilidade, há quem pense que os bebês necessitam apenas de cuidados corporais e sejam cheios de impossibilidades. Mas, na verdade, como todo ser humano, eles precisam ter seu lado cultural e relacional desenvolvidos e estimulados. E isso acontece, muitas vezes, por meio de pessoas com visão adultocêntrica, ou seja, que fazem pré-julgamentos sem conhecimentos a respeito desse “universo” tão complexo.

A autora, baseada nos estudos de Vygotsky (2009), afirma que a aprendizagem só é viável, se houver a possibilidade de imitação, pois esta permite ao sujeito desempenhar um papel ativo e desenvolver algo novo. À medida que esse bebê tem mais contato ou está mais próximo de um ambiente que favoreça essa imitação, melhor será sua capacidade de perceber o que está “apto” ou não de realizar. Ao nascer, o bebê começa a desenvolver-se a partir do primeiro contato com aqueles que o cercam, mais frequentemente, a família. Através da imitação, inicia sua aventura de adquirir seu conhecimento de mundo.

Para Wallon (1953), o estágio que vai até os seis anos de idade é muito importante para a formação da personalidade. Segundo o autor, a partir dos 3 anos, ocorre o estágio do personalismo, momento da constituição do eu, no qual a criança em seu confronto com o outro passa por uma verdadeira crise de personalidade, caracterizada pelas mudanças nas suas relações com o seu entorno e pelo aparecimento de novas aptidões.

O período que compreende os seis primeiros anos ocupa uma posição importante no esquema do desenvolvimento humano, pois é a fase em que os recursos, que serão usados no percurso da vida, se constroem e se organizam. O ambiente deverá ser povoado de objetos e materiais que a desafiem a interação.

Podemos lembrar ainda que essa é uma fase de transição, onde ocorrem trocas de dentes e mudanças frequentes de humor. A criança passa a expressar suas ideias e emoções através da fala. Seu aprendizado não está vinculado a um tipo de formal de ensino de conteúdos e programas do currículo da escola. Ao contrário, para que ela aprenda é necessário dar vida a estes, associando-os à atividades criativas e com experiências motoras e sociais. Como diz a poeta Adélia Prado(1976): “aquilo que a gente ama fica eterno”.

Muito do que se aprende nessa idade fica na memória, pois é resultado de conquistas alcançadas em momentos de brincadeiras, de ludicidade, que são os modos mais saudáveis de exercitar o pensamento.

Portanto, verifica-se que a educação da Primeira Infância tem papel determinante na formação da personalidade da criança, visto que permite a sua adaptação à convivência em comunidade, em grupos que vão além dos limites familiares e contribui para a formação do eu.

No entanto, cada vez mais, as crianças estão sendo privadas de vivências e experiências próprias da infância, sem que nem ao menos os adultos se dêem conta do mal que estão causando, quando desvalorizam ou não reconhecem a principal forma de expressão da criança que é o brincar. A preocupação das famílias com um futuro promissor tem invadido a vida dos pequenos desde cedo. Sua rotina e atividades passam a ser organizadas em função disso e não em função das necessidades do presente. E cada vez mais cedo, crianças bem pequenas têm frequentado outros espaços, além daqueles da convivência familiar.

2 AS CRIANÇAS E AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO

As instituições de Educação Infantil cada vez mais têm sido ocupadas pelas crianças bem pequenas e isso implica em um olhar cada vez mais específico para suas peculiaridades e interesses.

Como consta na Constituição Brasileira de 1988, a educação é direito da criança, desde o nascimento. Devido a isso, a Educação Infantil tem sido tema de vários fóruns de debate. Além da função pedagógica, as instituições de Educação Infantil (creches e pré-escolas) têm como compromisso garantir às crianças o direito a vivências e situações acolhedoras, seguras, agradáveis e desafiadoras.

A conquista progressiva da autonomia é um dos principais pontos dessa etapa na vida dos pequenos para que possam aprender a cuidar de si, ou seja, a ter cuidados de higiene e alimentação, acompanhados por profissionais de educação, que estimulam esse desenvolvimento de forma proveitosa e segura. Mas tudo isso só é possível se os profissionais e o espaço forem favoráveis para esse tipo de aprendizagem.

A creche, que antes tinha objetivos primordialmente assistencialistas ou pelo menos era vista dessa forma, pela população que necessitava de seus serviços, tem hoje em dia, seu papel ampliado. Engloba o cuidar e o educar, não apenas dentro das instituições, mas buscando uma parceria com a família das crianças.

Além das leis, um dos fatores responsáveis por essa mudança, tem sido o crescimento das verbas direcionadas para essa fase da educação, como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação(FUNDEB). Também é possível constatar que estudos realizados sobre o desenvolvimento que ocorre, especificamente, nessa etapa da infância vêm sendo impulsionados no meio acadêmico. Inicialmente focados apenas no bom rendimento da aprendizagem nas séries posteriores, hoje já se reconhece a importância do desenvolvimento da criança na primeira infância para a educação de toda a vida.

Para cumprir seu papel, as creches deveriam oferecer infra-estruturar e materiais específicos para essa fase, como, por exemplo, brinquedos e profissionais que tenham olhar cada vez mais específico para as peculiaridades e interesses das crianças, em especial os bebês. Segundo Antunes (2006), a criança precisa desenvolver-se plenamente nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, por meio de uma educação bem estruturada, que atenda suas necessidades.

2.1 O ato de ensinar na creche

Isso só é possível, se o espaço e os profissionais forem favoráveis a esse tipo de aprendizagem. O espaço também educa e, por isso, precisa ser planejado, pensado para as crianças, acessível e acolhedor.

O ato de ensinar, nesse contexto, significa saber como fazer a ampliação do contato das crianças com o mundo, de forma a estimular que sejam autoras de sua trajetória. Durante o processo uma ferramenta fundamental é o professor. Ali ele é o responsável por despertar o desejo no seu aluno, o desejo de conhecer, aprender e re-criar. E, para que seu trabalho não se torne *espontaneísta*, ou seja, sem planejamento e sem intencionalidade, ele necessita de uma formação que o prepare para introduzir, acolher e ensinar as crianças nesse espaço.

Dentre as concepções de educação, Madalena Freire (2010) destaca 3 tipos: *autoritária*, *espontaneísta* e *democrática*. Cada uma dessas tem uma visão do que é conhecer, aprender e ensinar e a função da imitação e da cópia é assumida de forma diferente.

Na concepção *autoritária*, a preocupação central é com a transmissão de conteúdos. O professor é o sujeito principal da relação professor-aluno, por ser visto como o detentor do conhecimento e modelo inquestionável, o que não abre muitas possibilidades para a criança ou o adulto em formação continuarem evoluindo com autonomia. O processo se encerra na imitação do modelo do professor.

Contrária à concepção *autoritária*, a *espontaneísta* temos interesses e as vontades da criança ou do aluno em geral como prioritários. O professor se

exime do papel de modelo, na suposição de que este não é necessário para a conquista da autonomia.

Por fim, na concepção *democrática*, de acordo com a autora, o processo de imitação alicerça o processo de aprendizagem, no sentido de possibilitar a construção diferenciada para a conquista da autonomia. (FREIRE, 2010, p.75)

A autora destaca a função do educador democrático, pois ele assume-se como modelo, diferente do modelo autoritário e espontaneísta. Ele permite ao educando o processo de imitação e de cópia para que possa introjetar o modelo, passando, desse modo, a conhecer o que antes não conhecia e, por isso mesmo, a ter condições de recriar, do seu jeito, esse conhecimento.

2.2 A importância do uso de Instrumentos metodológicos na formação e na prática do professor

Para alicerçar o ato de ensinar e aprender, Freire (2014) aposta no uso dos seguintes instrumentos metodológicos: observação, registro, avaliação e planejamento para a construção do trabalho e da disciplina intelectual do professor. Durante o meu processo de formação no ISEPS, fui apresentada a eles e, a partir daí, procurei introduzi-los em meu cotidiano. Esses instrumentos tornaram-se armas para fundamentar o meu olhar sobre a prática

Esse feito não se deu de uma forma fácil, devido às marcas que trazia de toda uma vida mergulhada em instituições tradicionais e autoritárias. No entanto, por baixo da capa do autoritarismo, existia em meu interior um desejo alimentado pela falta. Não sabia bem do quê. Não havia ainda encontrado, ao longo de todos esses anos, aquilo que alimentaria o meu desejo.

A concepção autoritária reprime os que dela descendem, no olhar, no falar, no pensar, no agir... Ao conhecer os instrumentos metodológicos, tive a capa da repressão retirada de cima de mim.

Olhar é mais do que ver; é enxergar, decifrar o sentido; é ler, ir além do visto, além da vista, da visão... Freire (2014) diz ainda, que a observação focada é o estudo, reflexão sobre os sentidos e significados. Os focos que o professor deve ter, ao longo da aula, são chamados por ela de *Pontos de Observação*.

Estes colaboraram muito para o aprimoramento do meu olhar, tanto que sinto-me desafiada ao avaliar meu próprio processo de aprendizagem

O registro é *arma de luta* nesse processo de apurar o próprio pensar. Na *concepção democrática*, não basta registrar para si; a comunicação é vital, daí a necessidade de socialização. A cada aula, dividimos com o outro o nosso pensar. Esse exercício me fortaleceu ainda mais e contribuiu para que me tornasse uma Educadora que reflete sobre sua prática.

Compreender a funcionalidade de cada um dos instrumentos metodológicos foi dos maiores aprendizados que conquistei. O momento da avaliação foi o que alimentou meu desejo de mudança. Por meio da avaliação, aprendi que posso melhorar cada vez mais a minha prática, refletindo sobre os erros e tendo a possibilidade de recriar o planejamento a cada dia.

Madalena Freire afirma que o processo de avaliação inicia-se na observação. Os focos (Pontos de Observação) a serem observados, por sua vez, se constituem como o planejamento da avaliação. Eles são direcionados para a aprendizagem individual; a dinâmica do grupo e a coordenação do professor.

A avaliação é processual e diagnóstica, muito distinta da visão autoritária, em que ela é vista como autópsia, necropsia, pois está em dissintonia com o processo vivido...

Por fim, vem o planejamento, que surge do ato de avaliar, por ser, até então, uma hipótese. À medida que há a interação com o aluno, com o grupo, queque

3 LEI INCLUI AS CRIANÇAS DE 6 ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

No dia 06 de fevereiro de 2006, o Presidente da República em exercício sancionou a Lei nº 11.274, que regulamentou o ensino fundamental de 9 anos. O Conselho Nacional de Educação (CNE) – Câmara de Educação Básica (CEB), através da Resolução Nº 3, de 3 de agosto de 2005 definiu as normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos.

Esta mudança começou a ser discutida no Brasil em 2004, mas o programa só começou a ser implantado a partir de 2005, em algumas regiões.

Assegurar, a todas as crianças, tempo mais longo de convívio escolar, mais oportunidades de aprender e ensino de qualidade é a proposta do MEC com a implantação do ensino fundamental de nove anos. A intenção é fazer com que aos seis anos de idade, a criança esteja no primeiro ano e termine esta etapa de escolarização aos 14 anos.

No ano de 2010, o ensino fundamental passou a ser efetivamente de nove anos, mas ainda é necessário se pensar como está acontecendo o trabalho com as crianças que, aos seis anos, estão no primeiro ano. Para que esta inclusão não signifique a antecipação de conteúdos e atividades, faz-se necessária uma reestruturação da organização e dos conteúdos.

Moreira e Vasconcelos (2003 p.171) alegam que a escola tornou-se uma instituição fundamental na sociedade, quando a infância passou a ser vista como fase dotada de diferença e a ser institucionalizada, separada do restante da sociedade e submetida a um regime cada vez mais rigoroso.

Outra questão que se tornou centro de discussões foi a idade de corte. Após serem levantadas muitas questões contrárias e favoráveis ao corte etário, ficou estabelecida a data de 31 de março para definir o ingresso e para a realização de matrícula na Pré-Escola e Ensino Fundamental.

Segundo palavras do Procurador Geral da República Dr. Rodrigo Janot:

A fixação da data de 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula como marco etário para definição do ingresso na Pré-Escola e no Ensino Fundamental - não afronta o art.208, IV e § 1º da Constituição da República. Não se negará à criança acesso a educação caso a criança de 3 anos não haja completado 4 anos até 31 de março do ano da matrícula, oferecer-se-lhe-à acesso à Educação Infantil por meio de creche (art. 30, I, da Lei 9.394/1996). Caso a criança de 5 anos não tenha completado 6 anos até 31 de março do ano da matrícula, garantir-se-lhe-à acesso à Pré-Escola. (BRASIL, 1986)

Essa medida foi vista por alguns, como uma forma de antecipar as etapas da educação básica, gerando uma precocização desnecessária, prejudicial para a criança.

As novas metas do Plano Nacional de Educação(PNE), elaboradas depois de ter-se debatido largamente e apontadas como estratégicas pela

sociedade na CONAE 2010, são tidas como estruturantes para a garantia do direito à educação básica de qualidade em nosso país. A Meta 1, tem o objetivo de universalizar até 2016, a Educação Infantil, na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta em creches de forma a atender, no mínimo 50% (cinquenta por cento) das crianças de 3 (três) anos, até o final da vigência deste PNE (2024).

A segunda meta ou Meta 2 traz a universalização do ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6(seis) a 14 (quatorze) anos, com o fim de garantir que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o ultimo ano de vigência deste PNE.

O governo traz também alguns dados relevantes para essas metas sejam alcançadas. Segue trecho retirado do documento:

(...) Resultados de estudos e pesquisas desenvolvidos no mais distintos países, entre eles o Brasil, há muito vem atestando a importância da educação das crianças, tanto para os processos de escolarização que se sucedem como pra a formação dos indivíduos em uma perspectiva mais global. A difusão e a aceitação desses resultados certamente influenciaram pra que a educação infantil na ultima década tenha se tornado alvo de ações governamentais significativas na sociedade brasileira e tenha sido projetada com prioridade no âmbito do PNE (....)
(Brasil, 2014)

Esse documento diz ainda que a incorporação da educação infantil à educação básica constitui-se em medida de política pública, que, com isso, desde 2007, passa a contar com o financiamento vindo do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Traz ainda como medida importante o estabelecimento da obrigatoriedade da Educação infantil, assim como já são os Ensinos Fundamental e Médio.

Aprovada através da Emenda Constitucional nº 59/2009 a educação obrigatória foi estendida para a faixa de 4 a 14 anos. Porém, logo em seguida, o documento relata sobre as restrições ainda encontradas com relação à extensão da cobertura da Educação Infantil em todo o país.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2013, o atendimento em creches atingia cerca de 28%(vinte e oito por cento) das crianças e na pré-escola o índice era de 95,2%.

Varela (1995) sublinha que a escolarização obrigatória é um fenômeno recente em nossa sociedade. A ideia de que a escola é a “única” instituição educativa e que os conhecimentos por ela transmitidos são legítimos pode também ser analisada como estratégia de poder, que visa legitimar um tipo de conhecimento, considerado legítimo ou opcional, em detrimento de outros, os populares, desqualificando assim outras formas de cultura e de estilo de vida.

Ou seja, não é tornando obrigatória a educação de 4 a 14 anos e, tampouco, fazendo com que o ensino fundamental passe a ter 9 anos, contados a partir dos 6 anos, que a educação do nosso país alcançará novos horizontes. A educação precisa mesmo é respeitar suas crianças como seres sociais e apresentar uma qualidade, o que aqui não é obrigatório...

Creches e pré-escolas são espaços sociais diariamente frequentados por crianças durante um número de horas significativas. As creches funcionam em período integral e nelas se encontram as crianças pequenas, que aprendem a viver e a conviver fora do seu âmbito familiar e, sendo assim, é preciso que elas se sintam muito bem e felizes, nesses espaços.

Mas, lamentavelmente, são poucas as instituições públicas que oferecem as condições necessárias para contribuir para o desenvolvimento da Primeira Infância. E, quando se fala da estrutura das instituições do Ensino Fundamental, as questões ficam bem piores, visto que, em muitos casos, as crianças passam manhãs ou tardes inteiras em espaços fechados e em salas inteiramente ocupadas por mesas e cadeiras.

E essa não é só uma realidade brasileira. Em matéria veiculada na revista Exchange, de 11 de novembro de 2014, a autora do artigo Diane Marieno expõe suas preocupações:

(...)uma das características dos reformadores da educação que mais nos aflige é a de que eles estão hiper focados no desempenho dos alunos, mas ignoram como os alunos aprendem. Em lugar algum, essa ênfase equivocada é mais aparente, e mais perigosa, do que na educação infantil.

Ela refere-se a experiências internacionais e aponta um novo estudo da Universidade da Virginia, que indicou que a Pré-escola mudou de forma perturbadora de 1999-2006.

Há uma perda acentuada da exposição ao que possibilita o conhecimento de mundo, as ciências sociais e da natureza, música, arte e movimento paralelamente a uma ênfase crescente no ensino da lecto-escritura. Os professores informam que usam o mesmo tempo para a leitura que no conjunto de todas as outras atividades. O tempo dedicado a atividades de livre escolha das crianças diminuiu em mais de um terço. Ensino direcionado e uso de testes aumentaram. Mais ainda, mais professores informam estar assegurando o mesmo padrão para todas as crianças.

Ao ser questionada sobre como os professores podem assegurar que as crianças estejam todas no mesmo padrão, quando elas são tão diversas, ela respondeu:

Elas aprendem diferentemente, amadurecem em tempos diferentes - elas não são iguais, especialmente entre os 4 e 6 anos... se nós lhes ensinamos a ler, escrever, subtrair e somar elas podem memorizar essas habilidades, mas não significa que as tenham aprendido ou compreendido. E isso não as ajudará a ter melhores resultados adiante.

Ao pretender que as crianças de fato tenham uma aprendizagem significativa, as instituições de Educação, de um modo geral, deveriam oferecer um ambiente físico e social, em que elas se sentissem protegidas, acolhidas, e, ao mesmo tempo, desafiadas, sem, no entanto, desvalorizar o que há de mais precioso na infância que é a paixão de conhecer o mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças de 6 anos passaram a fazer parte do Ensino Fundamental e não podem perder a garantia de um aprendizado adequado para sua idade, que respeite suas necessidades e direitos, de forma pensada e planejada pela instituição e pelo profissional de Educação para que seu trabalho não seja nem espontaneísta nem escolarizador.

A ampliação do ensino fundamental para nove anos precisa evitar o olhar escolarizador sobre essa etapa, que pode levar à antecipação de uma forma de ensino engessado e reduzir a Educação Infantil a um espaço preparatório. Essa possibilidade preocupa profissionais e pesquisadores dessa área, pois o risco da escolarização precoce provoca uma série de discussões e engloba questões de caráter político, social e psicológico.

Mesmo o Ministério da Educação tendo recomendado a utilização de jogos, danças, contos e brincadeiras espontâneas como instrumentos pedagógicos, e pedindo respeito pelo desenvolvimento cognitivo da criança, dificilmente deixará de ser impresso nessa criança a marca tradicionalista que se arrasta desde sempre na educação básica. Onde a alfabetização tem tempo pra começar e pra terminar.

O histórico da Educação infantil e sua ascendente evolução revelam o espaço que a criança vem conquistando na sociedade, ganhando cada vez mais reconhecimento como ser social. A infância é percebida como momento em que se desenvolvem características relevantes para uma vida adulta equilibrada.

No entanto, a família e a sociedade precisam ainda reconhecer que a Educação infantil tem um trabalho de extrema importância para o desenvolvimento integral das crianças, deixando de ser vista apenas como uma “colônia de férias”, mas sem deixar de lado a importância do brincar.

Há muito tempo que os espaços nas instituições de ensino vêm sendo pensados no sentido de contribuir para o desenvolvimento da criança. Friedrich Froebel (1782 – 1852) foi um dos primeiros a refletir e desenvolver estudos sobre o tema que foi aprofundado por Maria Montessori (1870 – 1952), longo do século XX, e por outros pensadores até os dias atuais.

A arquiteta e educadora Adriana Freyberger, consultora de espaços para a infância, afirma que é preciso oferecer qualidade para todos, mas lembra que, para a educação infantil, as necessidades são diferentes. A educadora aponta que no contexto em que o público alvo é a criança e suas ações, que precisam ser observadas e ter suas reais necessidades mapeadas, através de um trabalho individualizado para uma qualidade melhor, os cantos não podem ser estáticos e sim construídos de acordo com a demanda e transformados por seus integrantes.

A pedagoga Camila Serra, que atua na Casa do Brincar, em São Paulo (SP), espaço voltado especificamente para atividades lúdicas e brincadeiras, diz que:

(...) o espaço mutante tem como vantagem a possibilidade de diversificar as situações propostas pelo educador e, assim ampliar o repertório de brincadeiras da criança. A flexibilidade é importante ainda para que as crianças possam imprimir nos espaços o repertório que trazem de casa.

Mesmo sabendo que essa deveria ser uma realidade para todos, o que temos, na verdade, são espaços projetados apenas por engenheiros e /ou arquitetos, que nada conhecem das necessidades das crianças e visam apenas a redução de custos.

A realidade que conhecemos está bem próxima da arquitetura dos prédios de Ensino fundamental, em que crianças tem cada vez mais contato com paredes e cada vez menos contato com elementos naturais. A sensação que se tem é de aprisionamento ou “emparedamento”. São escolas que parecem presídios.

Para que esses espaços possam se tornar lugares cheios de brincadeira e ludicidade, o professor tem o papel de transformá-los, mesmo diante de todas as dificuldades existentes para proporcionar a maior diversidade possível de experiências dentro e fora da “sala de aula”.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália; Huget, Tereza; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v.3. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2014.

_____, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: (art.30, II, da LDB,* p. 9)**. Brasília, 1986. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/> > . Acesso em 15 Ago. 2014..

_____, Ministério da Educação. **Plano Nacional da Educação**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em 22 Out. 2014.

_____, Ministerio Da Educação/ Secretaria De Educação Básica, **Indicadores da qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB,2008.

_____. SME, **Orientações curriculares para a educação infantil 2010**.

CASTELE,Carolina Machado. **Para além do adultocentrismo e do espontaneismo: Reflexões sobre as percepções Acerca dos Bebês e sua presença nas creches**. In: Anais, II Simpósio Luso – Brasileiro em Estudos da Criança, Rio Grande do Sul, UFRGS, 2014.

COELHO, Rita. **Entre o direito e o dever**. In: Pátio: Educação Infantil. Porto Alegre: : Grupo A Educação S.A, ano 12, p.16-19 n. 38, janeiro/março 2014.

CRAIDY, Carmem KaercherGladis. **Educação infantil pra que te quero?** . Porto Alegre: Artmed, 2001.

DIDONET, Vital. **Dilemas da obrigatoriedade da pré – escola**. In: Pátio: Educação Infantil. Porto Alegre: : Grupo A Educação S.A, ano 12, p.4-7 n. 38, janeiro/março 2014.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____, Madalena. **Educador: educa a dor**.8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dBa autonomia**. 15 ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Daniela. **Educação infantil: espaços e experiências**. In: CORSINO, Patrícia. Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas,(sp): Autores Associados,2012.

LIMA, Euvira Souza. **Para que serve a educação infantil?**.in: Pátio: Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, ano 7 n.19, p. 7-9,mar/jun.2009.

MOSS, Peter. **A relação entre Infância e educação obrigatória**. In: Pátio: Educação Infantil. Porto Alegre: Grupo A Educação S.A, ano 12, p.8-11n. 38, janeiro/março 2014.

NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação infantil: instituições, funções e propostas**. In: CORSINO, Patrícia. Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas,(SP): Autores Associados,2012.

_____. CORSINO, Patrícia (org.); **A institucionalização da infância: antigas questões e novos desafios**. In: CORSINO, Patrícia. Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas,(SP): Autores Associados,2012.

PÁTIO: EDUCAÇÃO INFANTIL. Porto Alegre: Artmed, ano 7, n.19, Março/junho 2009.

_____. Porto Alegre: Grupo A Educação S.A, ano 12, n. 38, janeiro/março 2014.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Rio de Janeiro : Editora Zahar, 1974.

REVECO, Ofélia Vergara. **Uma pedagogia para a educação infantil dos 4 aos 5 anos**. In: Pátio: Educação Infantil. Porto Alegre:Grupo A Educação S.A, ano 12, p.12-15 n. 38, janeiro/março 2014.

ROJAS,Adriane Kiperman. **Desafios da Educação Pré – Escolar**.in: Pátio: Educação Infantil. Porto Alegre: Grupo A Educação S.A, ano 12, p.3n. 38, janeiro/março 2014.

SEABRA, KarlaCosta: **Desenvolvimento e aprendizagem na educação Infantil**.in: SEABRA, karla costa Educação Infantil V.2. Rio de Janeiro: SCF, 2010.

VIGOTSKY,L.S. **A formação Social da mente**, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A formação Social da Mente**, São Paulo: Martins Fontes, 2005.